

Passo a Passo

Advocacy liderado pela comunidade

- O que é *advocacy*?
- Igrejas promovem mudanças
- O ciclo de *advocacy*
- Influência discreta
- Como construir um movimento
- Direitos legais para os grupos de autoajuda



Leia nesta edição

Artigos

- 03 O que é *advocacy*?
- 06 Igrejas promovem mudanças
- 08 Promotores comunitários
- 10 Influência discreta
- 16 Direitos legais para os grupos de autoajuda
- 20 Rio limpo, cidade saudável
- 22 Os jovens manifestam-se

Seções permanentes

- 05 Estudo bíblico: Paixão por justiça
- 21 Espaço infantil: Não queremos lixo aqui!
- 23 Recursos
- 24 Entrevista: Persevere!

Leve e use

- 12 O ciclo de *advocacy*
- 14 O ciclo de *advocacy* no Nepal
- 18 Como construir um movimento

Sobre a **Passo a Passo**

Apresentando soluções práticas para os desafios enfrentados no trabalho de desenvolvimento, a revista *Passo a Passo* serve de inspiração e capacita as pessoas para trabalharem com suas comunidades locais e, assim, promoverem mudanças positivas.

A *Passo a Passo* é publicada pela Tearfund, uma agência cristã de assistência e desenvolvimento que trabalha com parceiros e igrejas locais para atender às necessidades básicas das pessoas e enfrentar a injustiça e a pobreza. A *Passo a Passo* é gratuita.

📷 Capa: Estes membros de uma igreja em Uganda estão trabalhando com a comunidade onde vivem a fim de reivindicar mudanças. Foto: Will Chamberlin/Tearfund

Nota da editora

Muitas vezes, pode parecer que não há nada que possamos fazer diante da injustiça e da desigualdade. Mas, quando várias pessoas se unem para exigir mudanças, as pessoas poderosas responsáveis por tomar decisões podem ser influenciadas e situações difíceis podem ser mudadas.

Esta edição da *Passo a Passo* concentra-se em como os membros da comunidade e as organizações locais podem usar ferramentas de *advocacy* (defesa e promoção de direitos) – como lobby, campanhas e construção de movimentos – para tratar de questões que afetam sua vida.

Todas as pessoas podem se envolver no trabalho de *advocacy*, mas nem sempre é fácil. Esta edição examina como o trabalho de *advocacy* pode ser realizado em contextos mais desafiadores e encoraja-nos a perseverar, mesmo quando o progresso é lento e difícil.

“...aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão.”

Isaías 1:17



Jude Collins,
editora

tearfund

Escreva para: Footsteps Editor, Tearfund,
100 Church Road, Teddington, TW11 8QE,
Reino Unido

✉ publications@tearfund.org

📄 learn.tearfund.org



📍 Lideradas por uma igreja local, estas moradoras de uma comunidade em Moçambique estão defendendo seus direitos pela terra.
Foto: Kylie Scott/Tearfund

O que é advocacy?

Por Joanna Watson

A primeira vez que eu me envolvi com ações de *advocacy*, há muitos anos, fiquei com receio e bastante preocupada: Por que pessoas tão poderosas se disporiam a me ouvir? E se eu me esquecesse ou tropeçasse nas minhas palavras? Que diferença eu poderia fazer diante de questões tão grandes?

Esse tipo de preocupação pode ser comum quando começamos a aprender sobre como realizar o trabalho de *advocacy*, especialmente se demorar muito tempo para se ver algum impacto.

Qualquer pessoa pode ser um(a) defensor(a) de direitos. Não se trata de uma atividade profissional e não há nenhuma exigência no sentido de ter qualificações especiais. Mas precisamos perseverar e praticar, além de permitir que nossas habilidades e confiança própria se desenvolvam.

Defender a justiça

A palavra inglesa *advocacy* tem diferentes significados para as pessoas em diferentes contextos, dependendo de suas experiências, idioma e cultura. Em alguns contextos, é arriscado falar sobre *advocacy* e, em outros, é algo benéfico. Em alguns idiomas não existe uma palavra equivalente, portanto pode ser necessário encontrar uma expressão alternativa.

A Tearfund define *advocacy* como: “Influenciar as decisões, políticas públicas e práticas de quem tem poder de decisão, visando combater as causas fundamentais da pobreza, trazer justiça e apoiar o bom desenvolvimento”.

O trabalho de *advocacy* está firmemente embasado na Bíblia e no interesse de Deus pela justiça e compaixão (por exemplo, Miqueias 6:8; Isaías 1:17 e Lucas 11:42). ▶

Abordagens

Há três abordagens principais de *advocacy*: para, com e pelas comunidades. Muitas iniciativas utilizam as três abordagens em momentos distintos.

- **Para as comunidades:** o trabalho de *advocacy* é realizado em nome das comunidades afetadas por uma situação injusta. Essa abordagem é importante em locais onde as comunidades afetadas não podem se manifestar, talvez por medo ou perigo.
- **Com as comunidades:** O trabalho de *advocacy* é realizado em colaboração, quando as comunidades afetadas por uma situação injusta o realizam com outras que não são diretamente afetadas.
- **Pelas comunidades:** O trabalho de *advocacy* é realizado pelas comunidades diretamente afetadas por uma situação injusta. Muitas vezes, esse costuma ser o tipo de trabalho de *advocacy* mais eficaz e sustentável. Ele confere integridade e legitimidade às ações e desafia as relações injustas de poder.

Nem sempre é fácil realizar o trabalho de *advocacy* liderado pela comunidade localmente, mas é profundamente gratificante à medida que as pessoas aprendem a expressar seus problemas, necessidades, esperanças e soluções e desenvolvem mais confiança e capacidade no sentido de influenciar os que tomam decisões e promover mudanças em suas comunidades.

❏ **Depois de reivindicar o apoio do governo local, a comunidade de um vilarejo no Nepal agora tem uma microssina hidrelétrica e Hari tem conseguido expandir seu negócio de carpintaria.** Foto: Kit Powney/Tearfund



Métodos

É importante escolher métodos de *advocacy* que sejam apropriados para o contexto. Por exemplo, em países onde os cidadãos podem expressar livremente suas opiniões, as atividades públicas muitas vezes funcionam melhor. Mas, em países onde é difícil desafiar o governo, o trabalho de *advocacy* precisa ser realizado de forma menos pública (consulte as páginas 10 e 11). Alguns dos métodos mais amplamente adotados incluem:

- **Lobby:** Diálogos e conversas com os que tomam decisões. As atividades incluem:
 - escrever cartas;
 - fazer telefonemas;
 - compartilhar resultados de pesquisas/estudos; e
 - possibilitar encontros entre os que tomam decisões e as pessoas afetadas pela questão.
- **Campanhas:** Incentivar as pessoas a participarem de ações que pressionem os que tomam decisões a gerar mudanças. As atividades incluem:
 - realizar reuniões públicas;
 - iniciar abaixo-assinados;
 - fazer manifestações; e
 - realizar passeatas e protestos não violentos nas ruas.

Quando muitas pessoas se envolvem em uma campanha, às vezes ela passa a ser chamada de movimento.

- **Divulgar mensagens na mídia:** Usar a mídia para divulgar mensagens de *advocacy* pode aumentar muito o número de pessoas cientes da situação. As atividades incluem:
 - escrever um artigo de jornal ou publicar algo nas mídias sociais;
 - fazer entrevistas em rádio ou televisão; e
 - realizar ou participar de uma conferência de imprensa.

Independentemente de como você decidir realizar o trabalho de *advocacy*, não se esqueça de seguir em frente, mesmo que pareça difícil. Ao longo dos anos, aprendi a ser paciente e a continuar praticando e encorajo você a fazer o mesmo. Ao encontrar e fazer uso da sua voz, você descobrirá o/a defensor/a de direitos que está dentro de você!

Joanna Watson é a autora do Kit de ferramentas de Advocacy da Tearfund. Ela lidera uma equipe internacional que apoia as organizações parceiras da Tearfund ao redor do mundo que se dedicam ao trabalho de advocacy.

Estudo bíblico

Paixão por justiça

Por Philip Powell

Em teoria, as leis e a constituição de um país têm o objetivo de servir de base para uma sociedade justa. Entretanto, na prática, as leis que parecem boas no papel nem sempre são implementadas ou aplicadas.

Isso pode acontecer por diversas razões. Por exemplo:

- as pessoas podem não estar cientes das leis;
- as autoridades responsáveis pela aplicação das leis podem ser fracas ou corruptas; e
- as pessoas podem não saber como defender seus direitos ou podem ter medo de fazê-lo.

Leia Amós 5:1-24

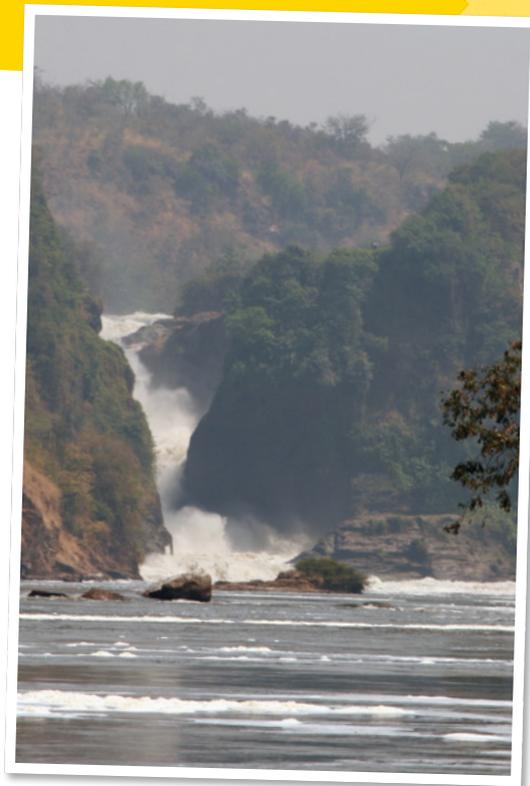
Lemos no livro de Amós sobre a injustiça vivida por muitas pessoas naquela época. Os direitos de quem vivia na pobreza não eram respeitados (versículo 11), o suborno era algo comum (versículo 12) e aqueles que defendiam a justiça e a verdade eram desprezados (versículo 10).

Nos versículos 21 a 23, lemos que Deus odeia e despreza as festas religiosas e as assembleias solenes, afirmando que não as suporta. Por que isso acontece? O que diz o versículo 24 em relação ao tipo de adoração que Deus considera agradável? Leia também Isaías 58:1-14 e Lucas 11:37-46.



Perguntas para discussão

- De quais exemplos na sua sociedade você se lembra em que as leis são boas, mas não são cumpridas? Quais são as consequências disso?
- Que medidas você poderia tomar a fim de ajudar a garantir que as boas leis sejam cumpridas e defender as pessoas que sofrem injustiça?



📖 **Corra a retidão como um rio, a justiça como um ribeiro perene! (Amós 5:24).** Foto: Tearfund

A Bíblia deixa claro que os cristãos devem compartilhar a paixão de Deus pela justiça. Isso não significa simplesmente tentar ser boas pessoas. Devemos também procurar mudar o que está errado em nossa sociedade. Isso pode ser feito por meio da oração, do cuidado prático ou manifestando-se contra a injustiça. Muitas vezes, é uma combinação de todas essas ações.

Deus deseja que a retidão e a justiça fluam como a forte correnteza de um rio, e ele quer usar sua igreja para fazer com que isso aconteça (Amós 5:24).

Philip Powell é um dos gerentes de Teologia e Engajamento em Redes da Tearfund e codiretor da Justice Conference.

thejusticeconference.co.uk

Igrejas promovem mudanças

Por Chalwe Nyirenda

Em todo o mundo, as organizações parceiras locais da Tearfund estão adotando uma abordagem participativa de combate à pobreza conhecida como mobilização de igrejas e comunidades (MIC).

Começando com a Bíblia, o processo inspira e capacita as igrejas a trabalhar com suas comunidades locais a fim de promover mudanças positivas.

Ao reunir todos os membros de suas comunidades para discutir desafios e oportunidades, as igrejas muitas vezes descobrem que há muitas coisas que elas podem fazer para melhorar a situação das pessoas.

Por exemplo, as comunidades podem decidir adotar técnicas agrícolas mais sustentáveis para reduzir a degradação ambiental ou podem trabalhar juntas para tratar de questões sociais como a violência baseada em gênero. Às vezes, as comunidades decidem usar ferramentas de *advocacy* para ajudá-las a atingir seus objetivos.

Tipa Tipa

A igreja em Tipa Tipa, um vilarejo nas montanhas da Bolívia, sentiu-se muito inspirada pelo trabalho de MIC e decidiu que precisava desempenhar um papel mais ativo em sua comunidade.

Seu primeiro passo foi facilitar uma série de reuniões, durante as quais todos os moradores do povoado tiveram a oportunidade de falar sobre seus problemas, assim como sobre possíveis soluções. Como resultado dessas discussões, a comunidade decidiu tomar medidas para melhorar o abastecimento de água no local.

Tendo reconhecido que o abastecimento de água é responsabilidade do governo, a comunidade procurou as autoridades locais para lhes apresentar seu plano. Eles pediram que elas fornecessem um tanque de água e uma rede de tubulação para levar água a todas as casas em Tipa Tipa e prometeram doar tempo e mão de obra gratuitamente

❏ O povoado de Tipa Tipa, na Bolívia, agora tem acesso a um abastecimento constante de água potável e um sistema de esgoto eficaz graças às suas ações de *advocacy*. Foto: Andrew Philip/Tearfund



Ferramentas de responsabilização social

As comunidades podem realizar diversas ações, bem como usar ferramentas e mecanismos para responsabilizar suas autoridades locais. As ferramentas mais amplamente usadas incluem:

- **Acompanhamento do orçamento público**

Isso envolve o monitoramento dos gastos do governo a fim de garantir que os recursos sejam bem utilizados, em vez de serem desviados por conta da corrupção. Esse trabalho permite que as comunidades perguntem se os recursos públicos estão sendo utilizados conforme planejado e se estão alcançando os resultados esperados.

- **Jornalismo cidadão**

Essa ferramenta pode atrair muito os jovens. Ela envolve documentar e tirar fotografias de situações que precisam de atenção, como vazamentos na rede de esgoto ou estradas danificadas. Essas histórias podem ser publicadas em jornais locais ou podem ser apresentadas diretamente aos funcionários do governo e aos prestadores de serviços.

CHIREZI: COMMUNITY SCORE CARDS

1. WATER

1 a) How many days do you receive topped water? 1-2 days 3-4 days 5-7 days None

b) What is the source of your water supply? House hold taps Community tanks Boreholes

c) Is your water clean? Yes No

2. STANDS

1) Are you satisfied with how the residential stands are serviced?
 Very satisfied Satisfied Neutral Dissatisfied Very dissatisfied

2) Are you a home owner or tenant? Home owner Tenant

a) Are you on the waiting list? Yes No

b) For how long have you been on the waiting list? 0-6 months 7-12 months 1-2 years More than 2 yrs

3. SEWER RETICULATION

1) Are you satisfied with SEWER reticulation in your area?
 Very satisfied Satisfied Neutral Dissatisfied Very dissatisfied

2) Does the Council respond to SEWER burst on time? Yes No

- **Cartões de pontuação**

Esses são formulários simples, utilizados para reunir informações domiciliares sobre a qualidade dos serviços locais como água, saneamento, escolas, clínicas de saúde, estradas e gestão de resíduos. Em seguida, as informações podem ser usadas para exigir melhorias nos serviços.

para ajudar a realizar o projeto. Após muitas negociações, a comunidade foi bem-sucedida e agora tem um sistema de abastecimento de água em funcionamento.

Com base nessa conquista, as lideranças da igreja e da comunidade conseguiram posteriormente influenciar o plano anual do governo local, o que levou à construção de um sistema de esgoto eficaz em Tipa Tipa.

Responsabilização dos governos

Os governos têm a responsabilidade de criar um ambiente seguro, no qual seus cidadãos possam prosperar. Isso inclui possibilitar o acesso a serviços como eletricidade, água e saneamento, gerir adequadamente os resíduos e disponibilizar unidades de saúde.

Os governos formulam políticas públicas, planos e orçamentos para facilitar a prestação de diversos serviços. Os funcionários do governo que implementam os planos têm a obrigação de agir no melhor interesse da sociedade. Se não o fizerem, devem ser responsabilizados. Isso se chama responsabilização social.

Para concretizar o tipo de mudanças alcançadas em Tipa Tipa, as pessoas precisam saber como responsabilizar suas autoridades locais de forma bem informada, sem confrontos e construtiva. Elas também precisam mostrar que reconhecem que têm responsabilidades importantes, como obedecer às leis, pagar impostos e tomar medidas para resolver os problemas locais.

As igrejas locais podem desempenhar um papel fundamental nesse sentido, ouvindo as preocupações das pessoas e aumentando a conscientização sobre direitos e responsabilidades. Em seguida, elas podem reunir comunidades inteiras para manifestarem-se contra a injustiça e exigir mudanças.

Sediada na Zâmbia, Chalwe Nyirenda trabalha para a Tearfund como assessora de Responsabilização Social.

Para obter mais informações sobre o trabalho de mobilização de igrejas e comunidades, acesse o learn.tearfund.org e pesquise “MIC” (ou “CCM”, em inglês).

Promotores comunitários

Por Munyaradzi Mataruse

“Não saiu uma gota de água da minha torneira por cinco anos”, diz Livson Mponda, que mora na cidade de Gokwe, no Zimbábue.

Como resultado disso, seus familiares precisavam caminhar dois quilômetros para coletar água do rio e muitas vezes seus filhos ficavam doentes depois de bebê-la. A única alternativa era comprar água, o que Livson raramente podia se dar ao luxo de fazer.



📷 Promotores comunitários sendo treinados pela Evangelical Fellowship of Zimbabwe. Fotos: Evangelical Fellowship of Zimbabwe

Vários voluntários de igrejas, conhecidos como promotores comunitários e treinados pela organização Evangelical Fellowship of Zimbabwe, começaram a reunir informações sobre a situação do abastecimento de água na região onde Livson mora. Em seguida, apresentaram essas informações à prefeitura local durante uma reunião de feedback com a comunidade. A prefeitura levou a sério suas preocupações e restabeleceu o abastecimento de água.

Livson afirmou: “O dia em que a água voltou a sair da minha torneira representou uma mudança significativa na minha vida. Estou realmente maravilhado com a maneira como a igreja agiu, servindo como uma força de desenvolvimento muito importante nessa comunidade; em poucos meses conseguimos o que não tínhamos conseguido fazer durante anos”.

Coleta de informações

Os promotores comunitários ajudam suas comunidades a compreender seus direitos e responsabilidades. Eles também monitoram os gastos públicos e usam outras ferramentas de responsabilização social, como cartões de pontuação e jornalismo cidadão para coletar informações sobre problemas e preocupações locais (consulte a página 7).

Henry Madakadze, um dos promotores, disse: “Com o uso de cartões de pontuação, as pessoas forneceram informações detalhadas e precisas sobre o abastecimento de água e os serviços de saneamento e de coleta de lixo. Em seguida, nos reunimos com representantes da prefeitura e mostramos a eles as informações que coletamos. Os funcionários da prefeitura são muito favoráveis ao trabalho que estamos fazendo e isso os incentiva a agir”.

Nyasha Chikwamure, outra promotora comunitária, foi treinada em jornalismo cidadão. Ela explicou: “Escrevemos uma reportagem sobre a coleta de lixo. Não tínhamos um local adequado para o despejo dos resíduos – o lixo era simplesmente empilhado. Após a publicação da reportagem, a prefeitura resolveu a questão e agora temos um local de despejo adequado”.



Os promotores comunitários visitam as casas para coletar informações sobre serviços públicos como o abastecimento de água.
Foto: Kieran Dodds/Tearfund

“Essa iniciativa ajudou-nos a compreender os problemas que a comunidade está enfrentando.”

As lideranças das igrejas tiveram um papel importante no processo. “Depois do treinamento, consegui incentivar os membros da minha igreja a conhecer a Constituição”, afirmou o Pastor Tshabalala. “Ensinei-os a conscientizarem-se sobre seus direitos. Também os aconselhei a responsabilizarem-se pela comunidade e a pagar suas contas sem atrasar para que recebam a devida prestação de serviços.”

Trabalhar juntos

Muitas vezes, as autoridades locais ficam satisfeitas com a oportunidade de trabalhar mais de perto com as pessoas que elas representam. Um vereador local disse: “Essa iniciativa ajudou-nos a compreender o impacto dos problemas que a comunidade está enfrentando. Percebemos que não precisamos entrar em desacordos. Ao ter

uma melhor apreciação dos problemas, podemos trabalhar juntos para resolvê-los”.

Outro vereador acrescentou: “Convido pastores e promotores comunitários (homens e mulheres) para participar de nossas reuniões de consulta sobre o orçamento público.

“Durante essas reuniões, eles fazem contribuições positivas. Eles se importam com as pessoas, monitoram o nosso progresso e nos envolvem em questões relacionadas à prestação de serviços.

“Antes, as pessoas não se preocupavam em participar de consultas sobre o orçamento. Agora, cerca de três quartos das pessoas que participam das reuniões são promotoras comunitárias”.

Munyaradzi Mataruse trabalha como coordenador sênior de programas na Evangelical Fellowship of Zimbabwe.

efzimbabwe.org

Influência discreta

Por Ben Osawe

Em alguns contextos, pode ser difícil, ou até mesmo perigoso, para as comunidades se envolverem no trabalho de *advocacy* com visibilidade pública.

Isso inclui os países onde os processos governamentais não são transparentes ou onde há instabilidade política, domínio de um único partido político ou falta de reconhecimento dos direitos humanos fundamentais, como a liberdade de expressão.

Nesses contextos, não é possível organizar protestos de rua, nem mesmo coletar assinaturas e escrever para as autoridades para pedir que as leis ou políticas públicas sejam mudadas. Em vez disso, diferentes abordagens precisam ser adotadas para promover mudanças de maneira discreta e a partir da comunidade.

Êxito no trabalho de *advocacy* na Nigéria

Por quase 50 anos, o crescimento econômico da Nigéria tem dependido das exportações de petróleo bruto. As lideranças políticas acostumaram-se

Os parceiros da Tearfund na Nigéria estão reivindicando um modelo sustentável de crescimento econômico.
Foto: Ruth Towell/Tearfund

tanto com isso que qualquer tentativa de defender um modelo de crescimento econômico mais sustentável do ponto de vista ambiental é recebida com resistência. Na Nigéria em geral, os protestos sobre questões sociais são proibidos e a liberdade de expressão é limitada.

Em resposta a isso, as organizações parceiras locais da Tearfund no estado do Plateau decidiram reivindicar mudanças com cuidado e sensibilidade, adotando três abordagens diferentes.

- 1 Construção de relacionamentos.** Funcionários das organizações parceiras passaram bastante tempo construindo relacionamentos com os funcionários do governo. Eles os convidaram para participar de reuniões de comunidades locais e os levaram para visitar projetos.
- 2 Ênfase aos êxitos passados.** As organizações parceiras lembraram as autoridades sobre como, durante muitos anos, elas haviam respondido com sucesso a questões importantes relacionadas ao HIV, à violência sexual e de gênero e à degradação ambiental. Isso ajudou as autoridades a perceber que as organizações parceiras tinham um alto nível de especialização técnica, bem como um desejo genuíno de combater a pobreza e contribuir para o alcance de mudanças positivas e sustentáveis.



3 Apresentação de alternativas. As organizações parceiras foram capazes de demonstrar, com base em pesquisas cuidadosas, que a economia do estado de Plateau poderia ser ainda mais forte se fosse escolhido um caminho alternativo e mais sustentável para o seu crescimento econômico, com base nos vastos recursos naturais do estado.

Como resultado dessa abordagem relacional, persistente e pacífica, a proposta apresentada pelas organizações parceiras da Tearfund foi adotada. Atualmente, ela está levando ao desenvolvimento de oito políticas públicas estaduais que abrangem recursos hídricos e energia, meio ambiente, turismo, agricultura, moradia, desenvolvimento urbano, desenvolvimento dos jovens e transporte.

Ben Osawe é gerente de Advocacy da Tearfund na Nigéria.



Liderar dando o exemplo: Funcionários de uma organização parceira da Tearfund protegem uma árvore recém plantada. Foto: Tom Price/Tearfund



Estudo de caso Cartuns e orçamentos públicos

Um país da Ásia costumava gastar muito pouco do seu orçamento nacional em educação e saúde em comparação com outros países da mesma região. Também foi classificado como um dos países com piores resultados no que diz respeito à prestação de contas sobre o orçamento público.

Nesse país, as pessoas não podiam responsabilizar abertamente o governo e, portanto, uma das organizações parceiras locais da Tearfund decidiu adotar uma abordagem criativa para promover mudanças.

A organização parceira convidou cartunistas de todo o país para preparar ilustrações sobre questões relacionadas à transparência orçamentária e à responsabilização social. Em seguida, eles compartilharam os cartuns em exposições e publicações.

À medida que os cartuns ganharam a atenção da mídia e do público, a equipe da organização parceira conseguiu reunir-se com o ministro das Finanças daquele país para promover o uso transparente dos recursos. Isso abriu as portas para que a organização parceira treinasse 60 funcionários do governo na área de responsabilização social.

Com base no aprendizado desse treinamento, foi desenvolvido um projeto nacional de responsabilização social, que incluiu um documento público contendo informações sobre orçamentos e gastos por parte do governo. A organização parceira da Tearfund elaborou orientações sobre o orçamento público em formato de cartum para garantir que todas as pessoas, desde as crianças até os membros do parlamento, pudessem compreender e responder a ele.

O ciclo de advocacy

Para que o trabalho de *advocacy* seja bem-sucedido, ele precisa ser bem-planejado. O procedimento básico é o mesmo para todos os tipos de *advocacy* e pode ser útil imaginá-lo como um ciclo de cinco etapas.

Às vezes, os passos são seguidos em ordem; outras vezes eles são executados paralelamente. É importante permanecer flexível e dispor-se a se adaptar às mudanças de circunstâncias.

Etapa 1

Saiba o que você deseja mudar

Pense sobre as causas fundamentais da situação injusta ou difícil. Por que você e outras pessoas desejam mudanças? É possível mudar a situação por meio do trabalho de *advocacy*? Não tente mudar muitas coisas ao mesmo tempo – escolha uma questão principal para focar.

Etapa 5

Monitore e avalie seu progresso

Ao longo de cada etapa, monitore, revise e avalie regularmente seu progresso, fazendo mudanças em seus planos, se necessário.

Pode ser útil fazer uma lista do que deu certo ou não. Por exemplo:

Deu certo

- responsabilidades claras
- objetivos realistas
- oportunidades para falar com as autoridades locais

Não deu certo

- não há apoiadores suficientes
- relatos insensíveis na mídia
- não há informações suficientes

Se forem necessárias outras ações, considere repetir o ciclo e elaborar uma nova estratégia.



Adaptado do Kit de ferramentas de Advocacy da Tearfund, que pode ser baixado gratuitamente no site learn.tearfund.org (pequise “Kit de ferramentas de Advocacy”).

Etapa 2

Reúna informações

Procure inteirar-se o máximo possível sobre a questão, reunindo e analisando evidências a respeito dela. Esse trabalho pode incluir visitas, conversas e a realização de pesquisas para identificar detalhes sobre:

- a questão e os problemas que ela está causando;
- possíveis soluções que poderiam ser propostas;
- pessoas responsáveis por tomar decisões que poderiam ajudar a mudar a situação, tais como autoridades locais;
- oportunidades para influenciar as pessoas responsáveis por tomar decisões, como reuniões públicas, boletins informativos ou conversas com contatos pessoais;
- potenciais apoiadores e promotores;
- pessoas que possam estar contra as mudanças que você está propondo; e
- riscos e vantagens de agir ou de não agir.

Etapa 3

Elabore um plano de ação

O plano deve incluir:

- o problema principal;
- os objetivos do seu trabalho de *advocacy*;
- os métodos e atividades que você está planejando adotar e realizar;
- suas mensagens de *advocacy*, certificando-se de que sejam adequadas para o público em questão;
- quais pessoas estão envolvidas e pelo que elas são responsáveis
- o cronograma; e
- detalhes de como você vai medir os resultados.

Etapa 4

Tome medidas

As melhores medidas a serem tomadas poderão variar muito, dependendo da cultura e do contexto social e político. As medidas podem incluir a realização de lobby e campanhas e a veiculação de mensagens na mídia. Mostrar a vontade de fazer parte da solução também pode ajudar.

O ciclo de advocacy no Nepal

O belo e culturalmente importante povoado de Taka está situado nas montanhas do oeste do Nepal. O turismo está aumentando na região e há um número crescente de lojas e hotéis. A sede desse município rural também está localizada no povoado.

Entretanto, apesar de todos os benefícios de se viver em uma comunidade próspera, os moradores de Taka estavam cada vez mais preocupados com a quantidade de resíduos sólidos que vinha sendo despejada no rio devido à falta de um sistema adequado de gestão de resíduos.

Em 2021, um grupo de mulheres de Chebang foi formado em Taka como parte do trabalho ambiental e de *advocacy* facilitado pela organização United Mission to Nepal (UMN). Esta é a história de como o grupo utilizou o ciclo de *advocacy* para ajudar a limpar a comunidade.

Etapa 1

Saiba o que você deseja mudar

Tendo sido apoiado pela UMN, o grupo de mulheres familiarizou-se com as responsabilidades e políticas governamentais e rapidamente identificou a necessidade de tomar medidas em relação ao problema dos resíduos sólidos.

Etapa 5

Monitore e avalie seu progresso

Logo após o recebimento do documento, as autoridades locais pagaram para que dois locais de despejo oficiais fossem preparados. Também enviaram notificações formais aos proprietários das lojas e dos hotéis especificando como eles deveriam coletar e gerir seus resíduos.

As mulheres fizeram visitas de acompanhamento ao comércio e às famílias locais e as pessoas começaram a parar de despejar resíduos no rio.

As mulheres e outros moradores de Taka descobriram que, ao exigir a prestação de contas por parte das autoridades locais e agir de forma responsável, eles mesmos são capazes de promover mudanças.



Etapa 2

Reúna informações

As mulheres aprenderam mais sobre o problema dos resíduos conversando com as pessoas e caminhando pelo povoado. Elas descobriram que as lojas e os restaurantes estavam despejando grande parte de seus resíduos no rio porque não sabiam onde colocá-los.

Além de serem desagradáveis, os resíduos não geridos estavam se tornando um local de reprodução para insetos e roedores disseminadores de doenças e poluindo as fontes de água. Além disso, os animais domésticos corriam o risco de ingerir grandes quantidades de plástico e outros resíduos.

Etapa 3

Elabore um plano de ação

As mulheres decidiram solicitar às autoridades locais que providenciassem fossas adequadas para impedir que as lojas e os restaurantes despejassem seus resíduos no rio.

Elas optaram por elaborar um breve documento para explicar o que haviam descoberto e quais poderiam ser as soluções. Também decidiram que iriam remover alguns dos resíduos por conta própria para que as autoridades vissem que elas estavam seriamente empenhadas em ajudar a melhorar a situação.

Etapa 4

Tome medidas

As mulheres apresentaram corajosamente seu documento às autoridades locais, exigindo que fizessem uma gestão adequada dos resíduos. Em seguida, elas mesmas removeram alguns dos resíduos.

A United Mission to Nepal trabalha com as comunidades para combater as causas fundamentais da pobreza no Nepal e possibilitar que todos tenham uma vida plena.

umn.org.np

Entrevista

Direitos legais para os grupos de autoajuda

Existem mais de 20 mil grupos de autoajuda na Etiópia, mas até recentemente eles não eram reconhecidos legalmente pelo governo do país.

Nesta entrevista, Mesfin Abebe, coordenador de Advocacy da Tearfund na Etiópia, reflete sobre a importância do reconhecimento legal dos grupos de autoajuda e como, após muitos anos de trabalho de advocacy, isso foi alcançado recentemente.

O que são grupos de autoajuda?

“Os grupos de autoajuda têm uma identidade muito distinta. Eles são para pessoas que têm menos recursos econômicos em uma comunidade (por exemplo, mulheres e pessoas com deficiência) e poucas oportunidades de contribuir para a tomada de decisões em âmbito local. Eles são autogovernados de maneira altamente participativa, dando a todas as pessoas do grupo

a oportunidade de aprender habilidades de liderança e financeiras.

“Cada grupo é composto de 15 a 20 pessoas de contextos socioeconômicos semelhantes. Elas se reúnem semanalmente para discutir questões, encontrar soluções para problemas em comum e construir relacionamentos de confiança e apoio.

“Todas economizam uma pequena quantia de dinheiro semanalmente. As mulheres podem contrair empréstimos a taxas de juros baixas para atender às necessidades domésticas ou investir em pequenos empreendimentos. Os facilitadores locais mostram aos grupos como governarem efetivamente a si mesmos, além de fornecer treinamento sobre pequenos empreendimentos. À medida que desenvolvem confiança, muitos grupos começam a desempenhar um papel ativo em suas comunidades, inclusive reivindicando mudanças.”

📍 Integrantes do grupo de autoajuda de Shebidino, na Etiópia. Foto: Aaron Koch/Tearfund





❏ Esta padeira da Etiópia obteve pequenos empréstimos junto ao seu grupo de autoajuda para expandir seu negócio. Foto: Will Boase/Tearfund

Por que o reconhecimento legal é importante?

“Há muitos anos que o governo da Etiópia reconhece que os grupos de autoajuda ajudam milhares de pessoas a sair da pobreza. Mas, sem reconhecimento legal, existe o perigo de que os princípios centrais desses grupos se desgastem, como a importância de dar prioridade às pessoas mais vulneráveis. Sem uma categorização legal própria, assume-se que os grupos de autoajuda sejam o mesmo que outros grupos ou cooperativas, mesmo que tenham sido estabelecidos para um propósito diferente.

“Além disso, sem reconhecimento legal, os grupos de autoajuda não têm acesso a serviços financeiros ou apoio do governo da mesma maneira que outros grupos comunitários. Uma integrante de um grupo de autoajuda enfatizou que: ‘O valor de garantir o reconhecimento legal não tem preço. Os bancos e outras organizações costumavam nos menosprezar quando os procurávamos para acessar serviços como empréstimos, mas agora podemos manter a cabeça erguida e os bancos estão nos tratando com respeito.’”

Como os grupos conseguiram obter o reconhecimento legal?

“Isso começou com muitos anos de relacionamento entre os grupos de autoajuda e os representantes do governo local – um trabalho facilitado pela Kale Heywet Church, uma denominação eclesial parceira da Tearfund. Mais recentemente, algumas pesquisas confirmaram que o reconhecimento legal era necessário para permitir que os grupos mantivessem sua integridade e continuassem a atender às necessidades das pessoas menos favorecidas em suas comunidades.

“Com base nessas pesquisas, decidimos inicialmente nos concentrar na região de Oromia porque ela tem uma grande população e está próxima de Adis Abeba, a capital. O que acontece em Oromia geralmente tem uma grande influência no país como um todo.

“Tendo começado pelos povoados, as integrantes dos grupos de autoajuda foram encorajadas a identificar sua própria necessidade de reconhecimento legal e, depois, conversar sobre essa necessidade e suas aspirações com a comunidade local e os líderes do governo. As cartas de apoio desses líderes possibilitaram conversas semelhantes no âmbito sub-regional e, eventualmente, regional.

“Esse processo foi longo, mas importante para que as próprias integrantes dos grupos de autoajuda assumissem a liderança e definissem as mudanças que desejavam.

“Após essas conversas, foi preparada uma proposta de regulamentação que foi aprovada pelo procurador-geral regional. Em seguida, a regulamentação foi apresentada ao Conselho do Trabalho e Assuntos Sociais de Oromia e, a seguir, ao Gabinete Regional. Finalmente, a regulamentação foi aprovada e passou a fazer parte da legislação local.

“Os grupos de autoajuda da região de Oromia agora têm o direito legal de garantir que os grupos sigam os detalhados critérios estabelecidos em seus estatutos antes de poderem se autodenominar grupos de autoajuda. Esses estatutos incluem detalhes sobre o compartilhamento da liderança, inclusão, respeito, participação e serviço – todos são essenciais para que os grupos possam continuar a trazer benefícios nos âmbitos local e regional.

“Tenho o prazer de informar que as autoridades locais de outras regiões da Etiópia decidiram seguir o exemplo de Oromia e, portanto, os grupos de autoajuda em breve terão reconhecimento legal em todo o país. Isso fortalecerá a capacidade desses grupos de influenciarem suas comunidades locais, interagirem com as autoridades locais e reivindicarem mudanças.”

Como construir um movimento

Um movimento é um grupo de pessoas com um propósito em comum, que faz campanhas por mudanças sociais, políticas ou culturais. Os movimentos costumam ser grandes e podem ser compostos de indivíduos ou de uma mistura de indivíduos e organizações.

Os movimentos são diferentes das organizações:

Uma **organização** tem uma pessoa responsável pelo seu trabalho. As regras e os procedimentos são centralizados e, muitas vezes, formais.

Um **movimento** é facilitado, em vez de coordenado ou controlado. Há uma visão unificadora e compartilhada, uma liderança descentralizada e ênfase na colaboração. Os movimentos concentram-se em equipar e inspirar as pessoas e conectar os participantes entre si.

Fatores-chave para o sucesso

Há muitas maneiras de construir um movimento e fazê-lo crescer, dependendo do objetivo e do contexto. Seguem alguns princípios importantes para ajudar você a começar.

Valores: Desenvolva um conjunto de valores principais (por exemplo, não violência, respeito mútuo e integridade) e registre-os por escrito. Você poderá então verificar regularmente se o movimento está aderindo a esses valores ao longo do tempo.

Visão: Uma visão clara do que poderia ser alcançado ajudará as pessoas a se sentirem inspiradas, motivadas e prontas para ajudar a construir um futuro melhor.

Relacionamentos: A construção de relacionamentos ajuda os membros a se sentirem parte de algo maior do que eles mesmos. A falta de hierarquia e o sentimento de que todos os membros do movimento são líderes são importantes para manter a motivação e as ações.

Demandas de advocacy: As demandas de *advocacy* de um movimento precisam ser claras, específicas e bem-comunicadas para chamarem a atenção dos responsáveis por tomar decisões.

Planos: Pequenas ações podem ajudar a criar dinamismo e pequenos êxitos iniciais geram motivação.

Paciência: A concretização das mudanças sociais, políticas ou culturais que você deseja ver pode levar muito tempo.

Habilidades: Diferentes membros de um movimento possuem diferentes habilidades, por exemplo, a capacidade de organizar eventos, conduzir pesquisas sobre determinado assunto, planejar, comunicar bem ou compreender a legislação. O compartilhamento mútuo de conhecimentos, experiências e habilidades aumentará a confiança e proporcionará a todas as pessoas oportunidades para aprender e contribuir.



Consulte o Guia de construção de movimentos da Tearfund para obter mais informações. Acesse o site learn.tearfund.org e pesquise “Guia de construção de movimentos”.



Possíveis desafios e maneiras de evitá-los ou superá-los

- 1** As pessoas que integram o movimento querem usar métodos com os quais você não concorda (como uma rebelião).

Resposta: Se as pessoas estiverem fazendo coisas que vão contra os valores declarados do movimento, talvez você tenha de explicar que elas não podem fazê-las “em nome” do movimento. Se isso não mudar a situação, você precisará declarar publicamente que seu movimento é contra o comportamento em questão.

- 2** O movimento perde o foco.

Resposta: Para cada atividade planejada, pode ser útil considerar como ela está contribuindo para a visão do movimento e se existe um método ou atividade diferente que poderia ser mais eficaz.

- 3** O governo fecha o “espaço” no qual os movimentos podem operar, por exemplo, tornando ilegais as reuniões públicas ou algumas atividades de *advocacy*.

Resposta: Isso pode ser muito desafiador. Talvez seu movimento possa continuar usando outros métodos para se comunicar e defender direitos. Entretanto, em alguns casos, o ambiente político pode mudar tanto que a construção do movimento talvez não seja mais uma opção apropriada.

- 4** Os membros ficam desiludidos ou perdem o interesse.

Resposta: A comunicação com os membros do movimento é fundamental. Eles precisam estar bem-informados e saber que sua contribuição é vital. Realizar ações e atividades regularmente ajuda a criar dinamismo e manter as pessoas interessadas.

- 5** Você (e/ou outras pessoas) fica exausto/a.

Resposta: Reserve tempo suficiente para descansar e estar com os membros da sua família e seus amigos. Delegue responsabilidades a outros e peça ajuda. Construir e manter um movimento não significa que uma só pessoa tenha de fazer tudo. Trata-se de trabalhar com os outros e compartilhar a liderança, a tomada de decisões e a carga de trabalho.

Rio limpo, cidade saudável

O rio Tejipió, no Recife, no Brasil, estava cheio de resíduos. Isso o fazia transbordar após fortes chuvas, espalhando doenças e causando grandes danos às casas e ao comércio da região.

Com o apoio do Instituto Solidare, uma organização parceira da Tearfund, vários pastores locais trabalharam juntos para elaborar um plano de resposta a emergências. Quando o rio voltou a transbordar, eles coordenaram efetivamente o apoio às pessoas mais afetadas.

No entanto, os pastores e outros membros da comunidade perceberam que apenas responder às enchentes regulares não era suficiente. Eles precisavam tomar medidas para, em primeiro lugar, tentar impedir que o rio transbordasse.

As igrejas, escolas e líderes comunitários locais começaram a conversar sobre o que precisavam fazer. Ao mesmo tempo, o Instituto Solidare passou a se reunir com instituições acadêmicas e funcionários do governo local.

Juntos, eles pesquisaram a questão e definiram exatamente o que queriam alcançar com a campanha: a melhor gestão de resíduos, incluindo a reciclagem, bem como a limpeza periódica e a proteção do rio.

Um movimento crescente

Gradativamente, cada vez mais igrejas, escolas, organizações comunitárias, famílias e indivíduos

uniram-se ao movimento, que passou a ser conhecido como “Rio limpo, cidade saudável”.

Em um protesto pacífico, 500 membros da comunidade caminharam ao longo do rio até os escritórios do governo e apresentaram às autoridades um abaixo-assinado contendo 13 mil assinaturas. Membros de igrejas e da comunidade também limparam algumas partes do rio para chamar a atenção do público para a questão.

Essas ações aumentaram a pressão sobre as autoridades locais para que respondessem ao problema e elas eventualmente colocaram em prática um programa de limpeza e dragagem do rio para reduzir o risco de enchentes.

Uma luta de longo prazo

Um fórum local continua defendendo os direitos sociais, econômicos e políticos das comunidades próximas ao rio. Composto por lideranças de igrejas, membros da comunidade e outros, o grupo organiza atividades de conscientização e reúne-se regularmente com representantes do governo.

Simone Vieira, coordenadora de Advocacy da Tearfund no Brasil, diz: “Muitas das comunidades que vivem nas margens do rio sofrem discriminação, têm moradias precárias e acesso limitado aos serviços públicos. Essa é uma luta de longo prazo, mas todos os envolvidos estão comprometidos em defender seus direitos”.

Os membros de uma comunidade no Recife discutem o problema dos resíduos no rio. Foto: Ruth Towell/Tearfund



Espaço infantil

Não queremos lixo aqui!

As pessoas que vivem próximas a você às vezes jogam sacos plásticos, garrafas e outros resíduos no chão, em vez de usá-los de novo, reciclá-los ou colocá-los no lixo?

Além de serem indesejados, os resíduos plásticos podem prejudicar os animais e entupir ralos, bueiros e rios, causando inundações. Os resíduos plásticos também levam muito tempo para se desmanchar e desaparecer – até 450 anos, no caso de uma garrafa plástica!

Você e seus amigos podem ajudar as pessoas a se conscientizarem sobre essa situação e pedir que elas façam algo a respeito. Veja algumas maneiras aqui:



Mantenha o local onde você mora arrumado

Nunca jogue lixo no chão e peça a seus amigos que também não façam isso. Explique a eles que Deus criou um belo mundo onde podemos viver e nos deu a tarefa de cuidar dele.



Prepare um cartaz

Desenhe e coloque cartazes em sua escola e no bairro, lembrando às pessoas que elas não devem jogar lixo no chão.



Colete o lixo!

Peça a alguém da sua família ou a seu professor/sua professora para ajudá-lo/a a organizar uma campanha de limpeza com outras crianças. Trabalhem juntos para coletar a maior quantidade de lixo plástico que puderem. Alguns deles podem ser reciclados?

Peça a um adulto que entre em contato com a estação de rádio ou jornal da sua região para contar o que você está fazendo e por quê. Se a sua campanha de limpeza for mencionada no rádio ou no jornal, isso poderá incentivar outras pessoas a ajudar a solucionar o problema.

Lave as mãos cuidadosamente depois de coletar o lixo. Se puder, use luvas.



Desafio de memorização!

Qualquer que seja a sua idade e o lugar onde você vive no mundo, é possível ajudar a melhorar sua região.

Você consegue aprender este versículo bíblico?

“Assim brilhe a luz de vocês diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem ao Pai de vocês, que está nos céus.”

Mateus 5:16 (Nova Tradução na Linguagem de Hoje)



Estudos de caso

Os jovens manifestam-se

Parlamento Jovem

Em 2015, o Jubilee Centre criou uma iniciativa chamada Parlamento Jovem na Zâmbia. Esse fórum inédito permite que os jovens desenvolvam suas habilidades de liderança, aprendam a expressar seus pontos de vista e compreendam o sistema parlamentar nacional.

Ray Daniel Zulu, um dos jovens participantes, explica: “Passei a fazer parte do Parlamento Jovem porque tenho o grande desejo de promover mudanças na minha comunidade e na nação. Quando coisas erradas acontecem e não são



📍 Uma integrante do Parlamento Jovem expressa seu ponto de vista durante um debate público. Foto: Jubilee Centre

abordadas, as pessoas que mais sofrem são os jovens”.

Os participantes aprendem a pesquisar sobre diferentes questões e, em seguida, elas são debatidas. Os debates são realizados em público e os membros da comunidade e representantes do governo são convidados a participar.

Os tópicos que têm sido debatidos incluem resíduos plásticos, educação para crianças vulneráveis e o papel da comunidade na implementação de projetos governamentais.

Várias conquistas importantes resultaram desses debates: as crianças receberam apoio governamental para completar o ensino médio e, agora, é proibida a venda de sacos plásticos de uso único em todos os supermercados.

Ray acrescenta: “Aprendi que um líder deve correr riscos para poder crescer. Acreditamos que podemos fazer a diferença em nossas comunidades. Queremos envolver mais jovens para que possamos trabalhar juntos e, assim, levar a nossa nação adiante”.

Registro de casamento

Sangita Praja casou-se aos 16 anos de idade no Nepal. No entanto, o casal não registrou o casamento e, por isso, não tinha uma certidão.

Alguns anos depois, seu marido casou-se com outra pessoa sem que Sangita soubesse, colocando-a em uma situação difícil e de muito sofrimento.

Sangita percebeu que precisava obter uma certidão de casamento para poder reivindicar seu direito de receber apoio do governo.

O grupo de mulheres da comunidade de Sangita havia recebido treinamento em *advocacy* da organização local ETSC (Education, Training and Service for Community) e elas se ofereceram para ajudar Sangita a apresentar seu caso à pessoa que presidia a autoridade local.

Após várias negociações, durante as quais Sangita adquiriu a confiança necessária para manifestar-se por si mesma, ela recebeu sua certidão.

Recursos

Salvo indicação em contrário, todos esses recursos estão disponíveis em português, inglês, francês e espanhol e podem ser baixados gratuitamente no site learn.tearfund.org (acesse o site e use a função de pesquisa para encontrar o recurso desejado).

Kit de ferramentas de Advocacy

Por Joanna Watson

Um conjunto abrangente de recursos sobre a teoria e a prática de *advocacy*. Entre em contato conosco para solicitar uma cópia impressa.

Guia de *advocacy* no trabalho de mobilização de igrejas e comunidades (MIC)

Como integrar o trabalho de *advocacy* em âmbito local nos processos de mobilização de igrejas e comunidades.

Passo a Passo

- Comunicação participativa – *Passo a Passo* 117
- Lar e hospitalidade – *Passo a Passo* 116
- Energia sustentável – *Passo a Passo* 114
- Captação de recursos local – *Passo a Passo* 111
- Jovens – *Passo a Passo* 109
- Resíduos – *Passo a Passo* 107

Entre em contato conosco para solicitar exemplares impressos.

Passo a Passo ISSN 1353 9868

Editora Jude Collins

Editoras de línguas estrangeiras:

Kaline Fernandes, Alvin Góngora, Carolina Kuzaks-Cardenas, Helen Machin

Comitê editorial: Barbara Almond, Maria Andrade, J Mark Bowers, Mike Clifford, Dickon Crawford, Rei Crizaldo, Paul Dean, Ted Lankester, Matt Little, Liu Liu, Roland Lubett, Ambrose Murangira, Christopher Peter, Rebecca Weaver-Boyes, Joy Wright

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: I. Deane-Williams, K. Fernandes, P. Gañez, M. da Costa Machado, J. Martinez da Cruz, M. Sariego, S. Tharp

Mudança de endereço: Quando informar uma mudança de endereço, favor fornecer o número de referência que se encontra na sua etiqueta de endereço.

As citações bíblicas foram retiradas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional®, NVI® © Copyright Biblica, Inc.® 1993, 2000, 2011. Usadas com permissão. Todos os direitos reservados mundialmente.

Direitos autorais © Tearfund 2023. Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução do texto da *Passo a Passo* para fins de treinamento, contanto que os materiais sejam distribuídos gratuitamente, e que seja dado crédito à Tearfund. Para qualquer outra utilização, favor entrar em contato com publications@tearfund.org para obter permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas e artigos não refletem necessariamente os pontos de vista da Editora ou da Tearfund. As informações técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas o mais meticulosamente possível, porém não podemos aceitar a responsabilidade caso haja algum problema.

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por e-mail, registre-se no site Tearfund.org learn.tearfund.org



Advocacy na era digital

Um conjunto de recursos on-line que consideram como utilizar a internet e os telefones celulares como parte do ciclo de *advocacy*



Curso on-line: Fundamentos de advocacy

Um curso on-line autodirigido sobre como começar a defender direitos relacionados a questões comunitárias locais



Budget tracking for beginners: An introductory guide (Acompanhamento de orçamentos para iniciantes: Um guia introdutório)

Uma breve introdução ao acompanhamento de orçamentos públicos e como aplicá-lo ao âmbito local. Disponível em inglês e espanhol.



Guia de construção de movimentos

Um recurso prático que explica como construir um movimento e como avaliar seu progresso.

Entrevista

Persevere!

Há muitos anos, Manzo Dembele vem apoiando organizações e comunidades para que reivindiquem mudanças no Mali. Aqui ele reflete sobre suas experiências.

O que significa *advocacy* para você?

“As organizações, os grupos e os indivíduos abordam o trabalho de *advocacy* de diferentes maneiras, mas o objetivo final é o mesmo: promover mudanças positivas influenciando as pessoas responsáveis por tomar decisões, as leis, as políticas públicas, as normas e as práticas.

“Embora eu tenha trabalhado com grandes redes e coligações, é particularmente gratificante quando as comunidades desenvolvem confiança suficiente para defender direitos por si mesmas.”

O que você aprendeu?

“Aprendi que o trabalho de *advocacy* precisa ser adaptado constantemente aos ambientes e às situações por esses estarem em constantes mudanças. Isso inclui adaptar-se às mudanças tecnológicas, como a conectividade à internet e os smartphones, e aproveitá-las ao máximo.

“Embora sejam desafiadoras e apresentem alguns riscos, essas novas tecnologias representam oportunidades para nos comunicarmos, trabalharmos em rede e colaborarmos mais rapidamente com um número maior de pessoas.

“Também aprendi a não priorizar meus próprios interesses ao realizar o trabalho de *advocacy* com outras pessoas. É muito importante ouvir e apreciar ideias e pontos de vista diferentes.”

Em que você está trabalhando no momento?

“Estou apoiando uma organização local para exigir a diminuição da poluição causada pelas fábricas na região de Ségou, no Mali. A organização formou um comitê que inclui mulheres, jovens, lideranças religiosas e representantes das autoridades locais. Juntos, eles estão liderando o caminho no sentido de exigir mudanças na região.

“Também estou trabalhando com líderes de diferentes religiões em um programa de construção da paz. Ao trabalhar com eles e ouvir suas conversas, percebi novamente que o trabalho de *advocacy* muitas vezes requer fazer concessões e pode levar muito tempo para se chegar a um acordo. Mas sempre vale a pena perseverar.”

Manzo Dembele era responsável pelo trabalho de advocacy da Tearfund no Mali.



Manzo conversa com líderes locais no Mali sobre como eles podem incentivar o trabalho de *advocacy* liderado pelas comunidades. Foto: Tearfund

learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ publications@tearfund.org

Sede registrada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE.
Registrada na Inglaterra sob o nº 00994339. Uma companhia limitada por garantia.
Instituição beneficente nº 265464 na Inglaterra e no País de Gales e nº SC037624 na Escócia.
J731-P (0123)



tearfund